

“Viagem” in Stelamaris Coser (Organizadora), *Viagens, Deslocamentos, Espaços. Conceitos críticos*.  
Vitória E.S.: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo (Edufes), 2016. 336-342.

ISBN = 978-85-7772-337-9

## VIAGEM

**Enric Bou**

A palavra viagem se origina do latim "viaticum" (em catalão "viatge"), que deriva de “via”, caminho. A viagem é o deslocamento que acontece a partir de um ponto, até outro ponto relativamente distante do primeiro, com a utilização de qualquer meio de transporte. Também se entende como viagem todo um período composto de várias deslocações, com estadas mais ou menos longas em alguns destinos. A viagem pode ser local, regional, nacional ou internacional. Pode-se entender a viagem não só no sentido físico, no espaço-tempo, mas também no sentido metafórico, como expressão de estar absorto, de aprofundar-se em si mesmo, ou de estar alterado pelo uso de algum tipo de droga. Em todos os momentos, as viagens têm ajudado a criar pontes e facilitado a influência mútua entre culturas distantes, embora essa influência raramente tenha sido de igual para igual. As descobertas geográficas dos séculos XV e XVI viriam depois estabelecer as bases do colonialismo que perdurou até o século XX.

Viajar significa deslocar-se a uma certa distância, dentro ou fora do próprio país. A viagem implica o afastamento de um lugar familiar e a exploração de um lugar novo e desconhecido, diferente do lugar de residência habitual. Essa diferença pode ser lida em termos de enriquecimento e conhecimento do Outro em novas culturas, ou como ameaça, ou, ainda, como enriquecimento para a própria identidade. A viagem está diretamente conectada a questões de imperialismo, diáspora, multiculturalismo, nacionalismo, identidade, gênero, globalização, colonialismo e pós-colonialismo. Também põe em jogo conceitos como transculturação, noções de centro e margem, fronteira, hibridismo, localização e deslocamento.

A viagem é uma experiência que tem sido associada a transformações, mudanças, e ao afastamento. O viajante se afasta de seu espaço conhecido e adentra o domínio da aventura. As viagens, sempre de grande intensidade, são de tipos diversos: por motivos de peregrinação religiosa ou artística – os turistas contemporâneos –, com uma missão quase sagrada; os exploradores medievais e renascentistas; os viajantes ilustrados do romantismo, ou os atraídos

pelo cientificismo do século XIX, para explorar novos mundos e demonstrar teorias das ciências naturais e empíricas; as viagens motivadas por perseguições políticas e religiosas, por exílio ou diáspora.

Os viajantes modificam a sua existência através do conhecimento de outros mundos (GINGRAS, 1988, p. 1293,1304; LÖSCHBURG, 1977). Paul Fussell indicou as diferenças entre a “exploração”, a “viagem” e o “turismo” para distinguir três momentos e três classes sociais que se haviam dedicado à viagem. No Renascimento a nobreza explorava; no século XIX e princípios do XX, a burguesia viajava; e no período posterior à segunda guerra mundial, que foi dominado pelas classes média e trabalhadora e pela popularização da experiência da viagem, pratica-se o turismo (FUSSELL, 1980, p. 39). O turista da segunda metade do século XX se parece cada vez mais com uma espécie de peregrino laico, que parte em busca de relíquias ou de anunciadas promessas: a busca do exotismo em países do terceiro mundo, a sacralização da arte nos museus de maior renome, o sol nas praias do *jet-set* ou mesmo nas de outra categoria. Na viagem é importante a saída, a passagem por algum lugar e o retorno, momentos que, segundo Leed (1991), têm significados distintos: a saída pode relacionar-se com o heroísmo e o anseio pela fama, a passagem produz alteração da mente e da identidade, e a chegada se associa à conquista e ao erotismo.

A evolução das viagens ao longo dos séculos foi relacionada ao progresso na cartografia e no transporte. Na Antiguidade, o estabelecimento de rotas comerciais e as campanhas militares impulsionaram o desenvolvimento da viagem. Nas civilizações do Mediterrâneo o deslocamento era feito por terra (a pé, a cavalo, em carruagens) ou por mar (barcos a remo ou a vela). Os fenícios faziam viagens comerciais, enquanto no império romano as viagens tinham objetivos militares. Com o estabelecimento de rotas comerciais, como as do âmbar ou do estanho, e de campanhas militares, como as de Alexandre Magno, foi possível alcançar um bom conhecimento geográfico dos territórios compreendidos entre o Oceano Índico e o Mar Báltico.

Na Idade Média, ampliam-se as rotas comerciais (em especial para a busca de especiarias, de seda, de ouro e de pedras preciosas) entre o mundo árabe e o cristão. Destacam-se os viajantes solitários como Marco Polo (século XIII) e Ibn Battuta (século XIV). Destaca-se também a peregrinação, que expressa uma ideia inerente ao cristianismo: entender a vida como uma viagem. Assim, os cristãos concebem a existência como uma passagem para a outra vida, a eterna. As peregrinações foram muito habituais na Idade Média, um período de intensa espiritualidade.

No Renascimento, destacam-se os viajantes transoceânicos. Nos séculos XVI e XVII,

inicia-se uma grande competição internacional para a descoberta novos territórios, impulsionada pelas necessidades comerciais e pelos novos impérios em expansão. Foi a época dos grandes navegantes espanhóis e portugueses, como Juan Sebastián Elcano e Fernão Magalhães.

Ao final do século XVIII começaram as viagens de exploração científica da Idade Moderna. O inglês James Cook viajou pelo Pacífico, e o alemão Alexander von Humboldt pela América Latina. Também se destaca o catalão Domingo Badía, conhecido como Alí Bey, que explorou o norte da África e o Oriente Médio. Durante o século XIX, Charles Darwin viajou pela América do Sul e pelas ilhas do Pacífico, e David Livingstone fez importantes descobrimentos na África. Em princípios do século XX (1911), o norueguês Roald Amundsen chegou ao Polo Sul.

Na contemporaneidade, produziu-se a massificação da viagem graças à evolução de novos meios de transporte. No início do século XIX foram inauguradas as primeiras linhas de trens de passageiros. Os motores a combustão, ao final do século XIX, facilitaram os deslocamentos por terra. Automóveis e ônibus passaram a ser meios de transporte habituais. A construção de estradas facilitou o trânsito de viajantes entre as principais cidades na Europa e na América. A difusão dos voos comerciais de viajantes, desde a metade do século XX, é a última fronteira na revolução das viagens; eles ajudaram, juntamente com os meios de comunicação de massa (cinema, televisão, internet), a converter o planeta Terra em um lugar pequeno e familiar. Em muitos países, o turismo se tornou uma das atividades econômicas mais importantes.

As viagens contemporâneas podem ser classificadas segundo vários critérios, tais como seu destino, o objetivo que as motiva, ou o período em que se realizam. Podem ser viagens de negócios, as realizadas por motivos profissionais, as viagens de lazer e de férias. Nestas últimas, as motivações da viagem podem ser tão diversas como descansar, visitar um patrimônio cultural, assistir a uma competição esportiva, ou celebrar a lua-de-mel. As viagens podem ter um cunho religioso, quando o objetivo principal do deslocamento é visitar um local de peregrinação. Entre as razões para viajar, também se incluem as viagens de pesquisa para a coleta de informações, as viagens por motivo de trabalho voluntário (como as ONGs), a migração para iniciar a vida em outro lugar ou para fugir da guerra, ou, por fim, pelo simples prazer de viajar. Ainda hoje, dependendo do tipo e do trajeto, as viagens podem realizar-se por meios diversos: a pé, de bicicleta, de automóvel, de trem, de ônibus ou de avião.

As viagens e a literatura de viagem não existem no vácuo, dissociadas dos debates políticos; na verdade, diversas situações políticas com frequência servem de incentivo para se iniciar uma viagem. Muitos aspectos da política surgem amiúde em relatos de experiências de viagem (BRISSON; SCHWEITZER, 2009). Depois da revolução russa, houve um grande interesse em visitar a URSS (BOU, 2013). Recentemente surgiu a atração por visitar ruínas e lugares relacionados à morte (como, por exemplo, cemitérios, mausoléus, cidades-fantasma), o chamado “tanaturismo”, ou “dark tourism” (LENNON; FOLEY, 2000).

Um modelo recente de viagem e de viajante é a experiência do internauta, que gera novos tipos de situações (navegar na internet, perder-se no ciberespaço), e também novos tipos de viagens, agora não mais físicas e, sim, virtuais.

## REFERÊNCIAS

- BOU, E. Back from the USSR. Travelers in the Land of the Soviets. *Invention of Space. City, Travel and Literature*. Madrid-Frankfurt Iberoamericana-Vervuert, 2013. p.183-197.
- BRISSON, U; SCHWEITZER, B. Eds. *Not So Innocent Abroad. The Politics of Travel and Travel Writing*. Newcastle-upon-Tyne: Cambridge Scholars, 2009.
- FUSSELL, P. *Abroad: British Literary Traveling Between the Wars*. Oxford: Oxford U.P., 1980.
- GINGRAS, G. E. Travel. In: SEIGNEURET, J. C. (Ed.). *Dictionary of Literary Themes and Motifs*. Westport, CT: Greenwood Press, 1988. p.1292-1331.
- LEED, E. J. *The Mind of the Traveler: From Gilgamesh to Global Tourism*. New York: Basic Books, 1991.
- LENNON, J.; FOLEY, M. *Dark tourism: The attraction of death and disasters*. London: Thomson Learning, 2000.
- LÖSCHBURG, W. *Von Reiselust und Reiseleid: Eine Kulturgeschichte*. Frankfurt: Insel Verlag, 1977.

Tradução do espanhol por Maria Mirtis Caser e Wladimir Cazé

**\*Ver:→ Globalização; Império; Literatura de viagem; Pós-colonialismo, Colonialidade.**

